

Editorial

TÍTULO: Era uma vez... Doenças Negligenciadas

"As doenças do passado, chamadas negligenciadas, já não são mais uma realidade em nossa época. Segundo o relatório da OMS (Organização Mundial de Saúde) sobre doenças negligenciadas, de 2010, essas enfermidades chegaram a ameaçar mais de 1 bilhão de pessoas no mundo e embora tenham sido típicas de países pobres e em desenvolvimento, elas também acometiam países desenvolvidos, gerando um impacto devastador sobre a humanidade nos idos de 2012..".

Infelizmente, o parágrafo acima é uma *ficção*. Mesmo diante dos progressos científicos e tecnológicos acumulados em nosso século e por mais que se tenha prospectado ações para combater doenças tropicais infecciosas, como a tuberculose, malária, leishmaniose, doença de Chagas, doença do sono, esquistossomose e muitas outras, elas não foram suficientes para se alcançar a afirmativa acima. Em 2008, por exemplo, de 59% das mortes ocorridas no mundo, 19% foram no continente africano, sendo 63% por doenças transmissíveis. Na América Latina, a doença de Chagas é endêmica em 21 países e ocasiona mais óbitos do que qualquer outra doença parasitária, enquanto no Brasil há cerca de 8 milhões de casos por ano de malária.

É importante ressaltar que estas doenças afetam países pobres, mas como muitos pensam, não são negligenciadas apenas porque comprometem populações pobres. Elas são negligenciadas por falta de investimentos sólidos e contínuos em pesquisa e desenvolvimento (P&D) que possam levar à prevenção ou a cura dessas doenças. Elas são negligenciadas porque não representam um mercado comercial atraente para que a indústria privada priorize nelas os seus investimentos em P&D. Para exemplificar, desde os primeiros casos registrados de AIDS a tuberculose deixou de ser uma doença de pobres. Também não são pobres os soldados americanos que padecem com a malária. Hoje, países como EUA, Canadá, Austrália e Espanha têm registrado índices crescentes de doença de Chagas. Outras negligenciadas como leishmaniose, malária e

dengue vêm preocupando a Europa e a América do Norte. Mesmo assim, estas doenças ainda são tratadas com medicamentos pouco seguros, pouco eficazes e tóxicos. HIV/AIDS é por vezes considerada como uma doença negligenciada. Porém, na verdade, o paciente é o principal negligenciado, pois junto com a malária e a tuberculose, elas são privilegiadas dentre as outras, recebendo os maiores incentivos em P&D.

Estas doenças se associam a outras debilitando o indivíduo, perpetuando a pobreza e impedindo o seu acesso à melhor qualidade de vida. O progressivo acometimento das populações menos favorecidas por doenças globais crônicas e não transmissíveis (câncer, hipertensão, diabetes, etc.) é outro fator preocupante, pois pode, falsamente, levar alguns governantes a entenderem que as doenças negligenciadas deixaram de ser relevantes, tornando-as ainda mais negligenciadas.

Há os que defendem a tese de que se revertendo a pobreza, as doenças negligenciadas seriam igualmente reduzidas, independentemente de inovações tecnológicas. É claro que a pobreza está associada a muitos fatores que facilitam a instalação e perpetuação da má condição de saúde, mas esta é uma visão muito simplista de um processo muito mais complexo. A saúde é um indutor do desenvolvimento econômico, social e redutor da pobreza. Neste sentido, no âmbito nacional, o governo brasileiro vem adotando medidas para a eliminação das doenças negligenciadas e alcançado bons resultados no controle da tuberculose, através de ações sinérgicas que integram o programa Brasil Sem Miséria. No setor de P&D, de 2003 a 2009, a parceria entre o DECIT-MS (Departamento de Ciência e Tecnologia do Ministério da Saúde), as FAPs (Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa) e o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) investiu R\$140 milhões em 520 projetos para o estudo de doenças negligenciadas e alguns mostraram resultados importantes tal como no controle da hanseníase.

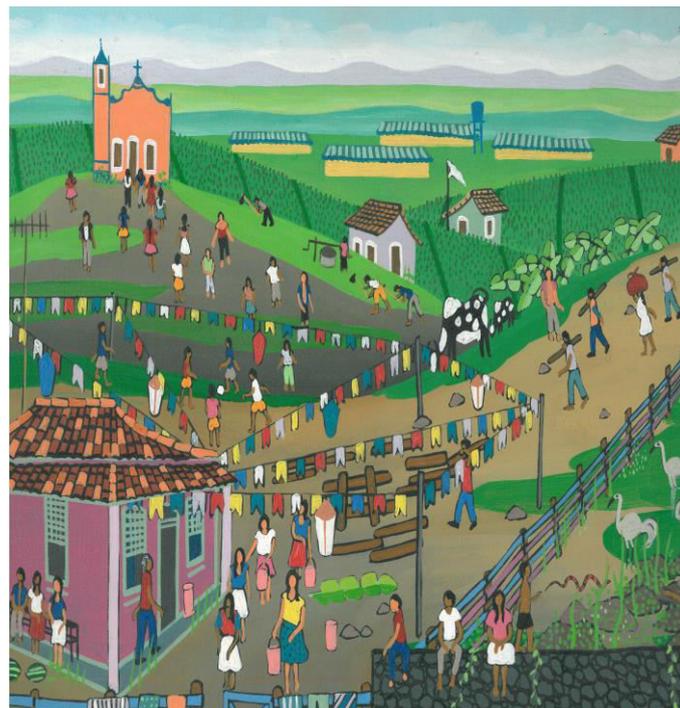
Falta-nos competência? Não. No Brasil, são 47.770 pesquisadores cadastrados nos diretórios de pesquisa do CNPq e 2.633 seniores atuando em P&D em seis doenças negligenciadas. Destes, 99% estão lotados em centros de pesquisa e universidades públicas e formam redes nacionais e/ou internacionais entre si. É importante reconhecer que a descoberta de um

antiparasitário difere em muitos aspectos da descoberta de um fármaco para o tratamento de doenças crônicas ou não transmissíveis. As *Big Pharmas* promovem as suas descobertas baseadas na propriedade intelectual e toda a sua cadeia de desenvolvimento é feita "*in-house*", ou seja, na mesma corporação, mesmo que em diferentes locais ou países. No entanto, o grande desafio para o sucesso da P&D em doença negligenciada está na gestão de redes. Embora hoje se tenha muito mais conhecimentos sobre a biologia, imunologia e genética destes parasitos, eles estão dispersos entre cientistas de instituições acadêmicas de países endêmicos e desenvolvidos, e também entre os das indústrias farmacêuticas. Cada um desses parceiros tem seus protocolos específicos, modo de gestão, etc. o que dificulta o sucesso do projeto.

Várias ações em gestão de P&D foram postas em prática para a busca de soluções ao combate, prevenção e tratamento destas doenças. Governos e entidades filantrópicas financiam os projetos enquanto a indústria, com o seu *know-how*, os botam em prática. Organizações como DNDi (Drugs for Neglected Diseases Initiative), MMV (Medicine for Malaria Venture), TB-Alliance (Global Alliance for TB Drug Development) fazem gestão e financiamento de projetos e têm criado os seus próprios portfólios e implementado importantes inovações incrementais, tais como a dose fixa combinada de artesunato e mefloquina (ASMQ), em parceria com a Fiocruz, e o benzonidazol pediátrico, em parceria com o setor privado. Elas também têm gerenciado o desenvolvimento de novos candidatos a fármacos em fase avançada nos estudos clínicos. Contudo, o "blockbuster das negligenciadas" ainda não foi alcançado através de uma inovação radical.

Recentemente, em janeiro de 2012, foi assinada a *London Declaration on Neglected Tropical Disease*. Essa Declaração procura unir esforços dos governos, fundação Bill & Melinda Gates, indústrias farmacêuticas, DNDi, dentre outras organizações, no combate a 10 doenças negligenciadas até o início da próxima década.

Hoje, não se pode negar que a reflexão desse tema tem sido facilitada pela ascensão dos países emergentes e o acesso a novas tecnologias. Avanços importantes estão em andamento, porém ainda há muito para: Era uma vez... Doenças negligenciadas.



^a Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Tecnologia em Fármacos, Departamento de Síntese Orgânica, Manguinhos, 21041-250, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Email: boechat@far.fiocruz.br

^b Email: jorgemagalhaes@far.fiocruz.br

Capa: A capa é uma pintura em acrílico sobre tela intitulada "Festa Junina" de Paulo Sérgio Souza da cidade de Cachoeira no Recôncavo Baiano.

DOI: [10.5935/1984-6835.20120016](https://doi.org/10.5935/1984-6835.20120016)